

Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de História

**Os Túmulos de D. Pedro e Inês de Castro: Uma história em imagens**

Monografia de Graduação  
Carlos Roberto Moreira Júnior  
Brasília, 2018

Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de História

## **Os Túmulos de D. Pedro e Inês de Castro: Uma história em imagens**

Trabalho de Conclusão de Curso -  
apresentado para o Departamento de  
História do Instituto de Ciências  
Humanas da Universidade de Brasília  
como requisito parcial para a obtenção  
do grau de licenciatura em História,  
sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria  
Eurydice de Barros Ribeiro.

Carlos Roberto Moreira Júnior

Brasília, 2018

## **Banca Examinadora**

Profa. Dra. Maria Eurydice de Barros Ribeiro  
Orientadora

Prof. Dr. Celso Silva Fonseca  
Departamento de História – IH/UnB

Prof. Me. Daniel Fernandes Batista de Oliveira  
Departamento de Artes Visuais – IdA/UnB

Monografia defendida em: 10 de dezembro  
de 2018

## **Agradecimentos**

Aos meus pais Elke e Carlos, pelo esforço que sempre deram e por toda a oportunidade que proporcionaram a mim, e a todos àqueles professores que me acompanharam, me fortaleceram e me incentivaram durante toda a minha vida. Em especial a Rogério, um professor exemplar que com certeza inspirou centenas de alunos a seguirem seus devidos caminhos da melhor maneira possível.

Aos amigos e pessoas queridas que estiveram comigo nesse trajeto acadêmico e estarão além dele, em especial a Marinna, João e Laura.

Aos meus parceiros e parceiras integrantes do Programa de Estudos Medievais (PEM), que iluminaram e contribuíram generosamente em meus passos para a realização pesquisa, em especial a Juliana e Thiago.

A minha orientadora, Maria Eurydice de Barros Ribeiro, por ter sido desde o começo sempre receptiva, de braços abertos a me auxiliar, e por me oferecer muito mais conhecimento que poderia imaginar sobre o mundo medieval.

E a Universidade de Brasília, por me proporcionar oportunidades de crescimento social, profissional e intelectual em minha vida.

*“Uma vez correspondido o amor, as angústias que surgem não são menores; porque cada um dos dois amantes teme perder, pela ação de um terceiro, aquilo que conquistou com tanto esforço”*

*André Capelão*

**Resumo:**

A presente pesquisa faz uma análise iconográfica de dois túmulos portugueses do século XIV, pertencentes a D. Pedro I de Portugal e Inês de Castro. A existência desses túmulos está diretamente relacionada com um acontecimento histórico conhecido como Tragédia Inesiana que resultou na morte de Inês de Castro. Esse episódio tornou-se muito presente ao longo dos anos na historiografia portuguesa. A partir desta análise iconográfica, propõe-se nessa pesquisa um olhar sobre esses túmulos a partir de uma perspectiva histórica e imagética dessas duas personalidades. O estudo foi dividido entre dois objetivos de pesquisa: o primeiro aborda a análise de imagem dos túmulos como documentos históricos, com base em uma análise crítica de fontes primárias e uso da historiografia iconográfica sobre o tema; e o segundo centra em introduzir os tipos de conteúdo das imagens tumulares medievais de Portugal do século XIV. Nesse sentido, realiza-se um comparativo entre outros túmulos da mesma época e categorizando-os a partir de suas imagens, fazendo uma breve sistematização. Demonstrando como são objetos de símbolo de poder real, como também de status humanista e individualista dessa sociedade.

**Palavras-chave:** Estatuária tumular; Inês de Castro; Iconografia; Mosteiro de Alcobaça; D. Pedro I de Borgonha; Realeza medieval portuguesa;

**Abstract:**

This research makes an iconographic analysis of two Portuguese tombs of the XIV century, belonging to D. Pedro I of Portugal and Inês de Castro. The existence of these tombs is directly related to a historical event known as Inesian Tragedy that resulted in the death of Inês de Castro. This historical event has become very common throughout the years in Portuguese historiography. From this iconographic analysis, it is proposed in this research a look at these tombs from a historical and visual imagery perspective of these two personalities. This study is divided in two research objectives: the first one examines the image of the tombs, as historical documents, based on a critical review of primary sources and iconographic historiography about the topic. The second focuses on introducing the types of the 14th-century medieval-tomb images of Portugal. Making a comparison between others sepulcher of the same period and categorizing from their images, making a brief systematization. Demonstrating how they are objects of might royalty symbol, as well is an exponent of the humanist and individualistic status of that society.

**Key-words:** Tomb effigy; Inês de Castro; Iconography; Alcobaça Monastery; D. Pedro I of Burgundy; Portuguese medieval royalty;

## **Lista de Figuras**

<b>Figura 1. Túmulo de Inês de Castro</b>	<b>13</b>
<b>Figura 2. Planta do Mosteiro de Alcobaça</b>	<b>13</b>
<b>Figura 3. Túmulo de D. Pedro</b>	<b>18</b>
<b>Figura 4. Cena do Juízo Final no Túmulo de Inês de Castro</b>	<b>18</b>
<b>Figura 5. Túmulo de Lopo Fernandes Pacheco</b>	<b>21</b>
<b>Figura 6. Túmulo de Fernão Sanches</b>	<b>21</b>
<b>Figura 7. Roda da Fortuna no Túmulo de D. Pedro</b>	<b>27</b>



## Sumário

<i>Introdução</i> .....	10
<b>1. A MEMÓRIA ESCULPIDA</b> .....	14
1.1 <i>A Tragédia Inêsiana</i> .....	14
<b>2. TUMULARIA MEDIEVAL PORTUGUESA DO SÉC XIV</b> .....	19
<b>3. A ROSÁCEA NO TÚMULO DE D. PEDRO</b> .....	23
3.1 <i>Círculo Central</i> .....	24
3.2 <i>Círculo Periférico</i> .....	25
<i>Conclusão</i> .....	28
<i>Fontes Primárias</i> .....	30
<i>Bibliografia</i> .....	31

## **Glossário**

**Báculo** - Bastão alto, de extremidade curva, usada pelos bispos como insígnia de sua missão.

**Jacente** - Figura esculpida em alto-relevo do falecido deitado sobre sua sepultura.

**Rosácea** - Ornato em forma de rosa ou de estrela de muitos raios.

## Introdução<sup>1</sup>

Entre 1361 e 1367, dois túmulos tardo-góticos foram erigidos, um para D. Pedro de Borgonha (fig. 3) e outro para Inês de Castro (fig. 1), sua esposa<sup>2</sup> que hoje se encontram no Panteão Régio do Mosteiro de Alcobaça. Os monumentos podem se adequar como importantes objetos que transpõem, de forma plástica, um acontecimento histórico que continua bem vivo no imaginário português. Além disso, os túmulos trazem importantes significações da dimensão histórica dessas duas personalidades, em um contexto específico, aquele em que a disputa entre os reinos de Castela e de Portugal do século XIV dialogou com fontes escritas e carregou – na memória presente nos túmulos - uma dimensão autobiográfica de amor e tragédia.

É comum a utilização de imagens e decorações como forma de ornamentação Das sepulturas. A forma e o uso com que eram usadas essas representações variam de forma complexa de sociedade para sociedade. Na península ibérica do século XIV, os túmulos se configuravam como um objeto de recordação da memória e de preservação da história individual. O jacente seria como uma memória viva daqueles que tinham condições de se submeter a essa prática funerária, visavam, através das imagens entalhada nos seus túmulos, a história destacada de sua vida, para a posteridade<sup>3</sup>.

Para Da Silva (2005), existe nos túmulos desta época uma relação entre a *memória individual* e a *imagem social*<sup>4</sup>, onde a imagem que o indivíduo quer deixar de si se relaciona ao mesmo tempo com o seu pertencimento a um estrato social, seja ele rei, rainha, um nobre, ou um membro do clero, ou seja, o conjunto iconográfico dos túmulos

---

<sup>1</sup> Essa monografia é um desenvolvimento de tema de pesquisa de mesma autoria apresentado no Congresso de Iniciação Científica em 20 de novembro de 2017 de nome “Inês de Castro e D. Pedro, uma história em imagens” com orientação de Maria Eurydice de Barros Ribeiro.

<sup>2</sup> DE ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira. *A roda da fortuna/roda da vida do túmulo de D. Pedro, em Alcobaça*; Revista da Faculdade de Letras – História, II Série, Vol. VIII, Porto, 1991. Disponível em: < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2264.pdf> >. Acessado em: 25/11/2018. p 258

<sup>3</sup> DA SILVA, José Custódio Vieira. *Reflexões sobre Escultura Tumular Portuguesa (Séculos XII E XIV)* N.º 1. Lisboa: Instituto de História da Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2005. Disponível em: < [https://run.unl.pt/bitstream/10362/12429/1/ART\\_2\\_Cust%C3%B3dio\\_RHA1.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/12429/1/ART_2_Cust%C3%B3dio_RHA1.pdf)>. Acessado em: 25/11/2018. p. 56

<sup>4</sup> Ibid., p. 63-70

tem em sua base o indivíduo e seu status. Nesse sentido, essa pesquisa tem como objetivo estudar os túmulos de D. Pedro e Inês de Castro a partir de uma análise iconográfica inserindo-os em um entendimento sobre o sentido da imagem para os portugueses no século XIV, e sua relação com os meios políticos e sociais do período. A pesquisa se divide em três capítulos.

No primeiro capítulo apresentamos os túmulos, quem são os autores, as dimensões, o conteúdo, e a localização de suas imagens. Em seguida conceituaremos a Tragédia Inêsiana, que foi o nome dado ao acontecimento histórico que levou à morte de Inês de Castro, tendo como base os relatos contidos na Crônica de D. Pedro<sup>5</sup> e nos estudos iconográficos sobre o assunto. Levando em conta principalmente sua relação com o objeto de pesquisa, esse acontecimento está diretamente ligado à construção dos túmulos, bem como se encontra intimamente relacionado com imagens contidas nesses.

O segundo capítulo dedica-se a explorar as imagens nos túmulos de D. Pedro e Inês de Castro. Para tanto é relevante introduzir os tipos de conteúdo das imagens tumulares medievais portuguesas do século XIV. No tocante à Península Ibérica na Idade Média do século XIV, os túmulos se configuraram como objeto de recordação da memória e de preservação da história individual. Tinham como objetivo a preservação a partir de imagens para a posteridade. É nesse parâmetro que os túmulos de Inês de Castro e D. Pedro tomam forma. Para Da Silva, nessa relação entre a *memória individual* e a *imagem social*, nota-se que na medida em que compreendemos que os túmulos possuem indícios de D. Pedro querer afirmar seu amor por Inês de Castro segue *a priori* determinados padrões, como mostrado pelo autor, dentro de um determinado período histórico, no contexto da arte tumular tardo-gótica.

Inserindo os túmulos a partir desse sistema, far-se-á um comparativo com outras sepulturas traçando como limite historiográfico os reis de Portugal da 1ª dinastia e 2ª dinastia, aproximadamente entre os séculos XIII e XIV. Para isso, utilizamos o modelo adotado por Da Silva que traça principalmente a distinção entre os túmulos leigos (reis e cavaleiros) e dos clérigos (abades e bispos)<sup>6</sup> utilizando para isso diferentes túmulos desse período.

---

<sup>5</sup> LOPES, FERNÃO, “Chronica del Rey D. Pedro I deste nome, e dos reys de Portugal o oitvao cognominado o Justiceiro, na forma em que escreveo Fernão Lopes” copiada fielmente do seu original antigo pelo Padre Jozé Pereira Bayam. Lisboa Occidental. Ofic. De Manoel Fernandes Costa, 1735.

<sup>6</sup> DA SILVA, 2005, José Custódio ob. cit. p. 61

O terceiro capítulo se dá a partir das análises mais específicas dos aspectos iconográficos dos túmulos de D. Pedro e Inês reconhecendo a cada um suas especificidades, dando ênfase à Roda da Fortuna, uma rosácea no túmulo de D. Pedro (fig. 7), por conta do seu caráter *autobiográfico* e *cronológico*. Também segundo Da Silva, essas duas rosáceas adquirem um aspecto singular no tocante às imagens tumulares portuguesas e estão diretamente ligadas aos escritos oficiais que tratam sobre a Tragédia Inesiana. Certos detalhes nas imagens são transposições visuais do que fora relatado, tal como o próprio assassinato de Inês, que possui sua representação dentro da rosácea.

Se aquele é absolutamente único em termos de toda a escultura medieval portuguesa, assumindo sozinho essa temática que, ao contrário da Europa, quer da arquitetura romântica quer a arquitetura gótica em Portugal ou quiseram explorar, a Roda da Vida; Roda da Fortuna é ainda mais excepcional, porque, representada num túmulo, em forma de rosácea e com a dimensão autobiográfica da tragédia de D. Pedro e D. Inês, não existe nenhum outro caso português ou europeu que lhe possa comparar<sup>7</sup>

Ao final da pesquisa, objetiva-se apontar com a análise iconográfica, uma possível demonstração de como as esculturas tumulares são instrumentos relevantes para compreender um determinado acontecimento ou período histórico, sendo portadoras de suas próprias categorias e definições. E que além disso são indícios de que são sujeitas a influências de um determinado fenômeno mental, artístico e político. Dentro de um certo espaço temporal.

---

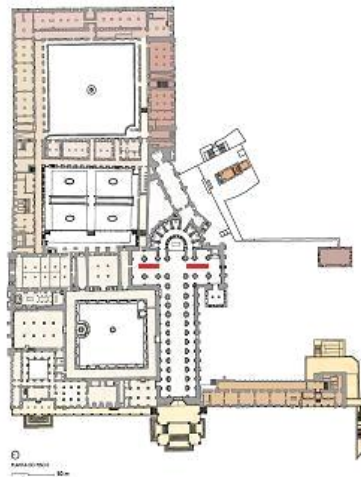
<sup>7</sup> DA SILVA, José Custódio Vieira. *Os Túmulos de D. Pedro e de D. Inês, em Alcobaça*, in. *separata Portugália, Nova Série, Vol. XVII-XVIII*, Instituto de Arqueologia, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 1996/1997. Pg 8

**Figura 1. Túmulo de Inês de Castro**



Património Cultural / DGPC do Mosteiro de Alcobaça/POR – Foto/Thiago Borges

**Figura 2. Planta do Mosteiro de Alcobaça<sup>8</sup>**



Conjunto Monumental Mosteiro de Alcobaça. G.Byrne / Falcão de Campo

<sup>8</sup> As marcações traçadas no formato de retângulo vermelho indicam a localização dos túmulos de Inês de Castro (à esquerda) e D. Pedro (à direita).

## 1. A Memória Esculpida

A construção dos túmulos se deu entre 1361 e 1367, no Mosteiro de Alcobaça e estão localizados no chamado Panteão Régio (fig. 2), onde outros reis e rainhas estão sepultados. Os autores são desconhecidos, porém, pode-se considerar que tenham sido esculpidos pelo mesmo autor, dada a semelhança do estilo escultórico dos dois túmulos. O túmulo de Inês de Castro é feito de pedra calcária e possui na sua parte superior o modelo do seu corpo e de seu rosto, usando vestes de túnica, um manto largo e uma coroa sendo segurada por seis anjos, três no lado esquerdo e três no lado direito. Na parte inferior do túmulo, nas faces, em todos os lados, há cenas bíblicas que representam o calvário de Cristo e o que indica ser o Juízo Final (fig. 4). Sustentando o túmulo, há seis criaturas antropomórficas, que se assemelham a cães. O sarcófago de Inês de Castro possui 118cm de altura, enquanto o túmulo ao todo possui 150,65 cm, com suporte e anjos. Na largura possui 116 cm e 324 cm de comprimento.

O túmulo de D. Pedro também é feito de pedra calcária, possui na parte superior o modelo de seu corpo, vestindo uma túnica larga, e em sua cabeça uma coroa, nas suas mãos segura uma espada e aos seus pés está prostrado um cão. É segurado por seis anjos. Na parte inferior do túmulo na parte mais comprida estão representadas cenas sagradas contendo passagens bíblicas, e na parte da frente, uma rosácea de formato circular, que representa a Roda da Fortuna<sup>9</sup>. Sustentando o túmulo, há seis criaturas, três de cada lado, que se assemelham a leões. O sarcófago de D. Pedro possui 118cm de altura, enquanto o túmulo ao todo possui 152,60 cm, com suporte e anjos. Na largura possui 115 cm e 322 cm de comprimento.<sup>10</sup>

### 1.1 A Tragédia Inêsiana

Grande parte do que se conhece como Tragédia Inêsiana está relatada na Crônica de D. Pedro escrita por Fernão Lopes e em suas ressignificações em tragédias e romances, escritos e representados posteriormente por outros autores e artistas. Fernão Lopes frequentou o Arquivo Nacional da Torre do Tombo para compor suas pesquisas e relata a

---

<sup>9</sup> VIEIRA DA SILVA 2005, ob. cit. p 8

<sup>10</sup> As informações das dimensões e dos materiais foram dadas pela Direção-Geral do Património Cultural / DGPC no Mosteiro de Alcobaça. Praça 25 de Abril 2460-Alcobaça – PORTUGAL. Em 27 de março de 2017

vida de D. Pedro durante seu reinado em 1357, até seu falecimento em 1367. Como relata em seu prefácio, Lopes utilizou-se de outras crônicas e dados do arquivo de Lisboa para redigir sua obra, tomando como maior exemplo a *Crônica de D. Pedro de Castela*, escrita pelo cronista espanhol Pero Lopez de Ayala, sendo este próprio D. Pedro de Castela, um contemporâneo de D. Pedro de Portugal. A história dos dois por vezes é bem interligada, sendo factível afirmar que Lopes emprestou elementos narrativos deste e de outros reis para ornamentar a história de D. Pedro<sup>11</sup>. Carlos Nogueira em seu trabalho que procura situar a figura de D. Pedro na historiografia quatrocentista, define a Crônica de D. Pedro como singular no sentido da diversidade de suas fontes:

Fernão Lopes resgata a memória do Rei Justiceiro, ele recorre tanto ao imaginário popular – que mais guardou a imagem da figura do Rei *corregedor* de D. Pedro I -, assim como também utiliza de fontes escritas, como documentos de Chancelarias, testamentos e cartas diplomáticas.<sup>12</sup>

A crônica régia, como a de D. Pedro, no contexto social e intelectual dessa época, servia como um aparato de exemplos para os vindouros príncipes portugueses que se tornariam reis. Estabelecendo o caráter régio exemplar e os caminhos que deveriam seguir, sabendo os passos do que seria um bom ou mau rei, e seguindo ordem do bem comum<sup>13</sup>. Até a época das reimpressões da obra de Fernão Lopes feita por Pe. José Pereira Baião em 1735, a imagem de D. Pedro ainda era exaltada e prezava pelo seu aspecto de rei justo, tão logo sua crônica era usada para glorificar seus feitos<sup>14</sup>.

A tragédia começa quando D. Pedro em 1340 casa-se com D. Constança Manuel e apaixonou-se por uma das companheiras de sua esposa, chamada Inês de Castro, vinda de uma família nobre espanhola, descrita como dotada de extrema beleza e elegância. O pai de D. Pedro, D. Afonso julgava algo a mais naquela relação, e enxergava uma tentativa da família Castro para chegar ao poder, e o fim da independência de Portugal perante os outros reinos ibéricos. Com medo do amor dos dois por afetar o casamento já firmado entre D. Pedro e D. Constança, Afonso resolve exilar Inês de Castro do reino em uma

---

<sup>11</sup> LOPES 1965 ob. cit prefácio. P. IX-XXXI

<sup>12</sup> NOGUEIRA, Carlos Roberto. A “loucura” de Pedro I, entre o folclore e a política real in Carlos Nogueira (org.) O Portugal Medieval: Monarquia e Sociedade. São Paulo: Alameda, 2010. p 37

<sup>13</sup> SÍLVÉRIO LIMA, Luís Filipe. “Amor, saudade e cruzeza: Pedro e Inês na historiografia seiscentista” in Ana Paula Torres Megiani, Jorge Pereira de Sampaio (Org.) Inês de Castro. A época e memória. São Paulo: Alameda, 2008. p. 151

<sup>14</sup> Ibid. p. 167



tentativa de afastar sua influência em Portugal. Porém, anos depois, em 1345, com a morte de D. Constança, Inês retorna ao reino.

No século XIV, durante os reinados de D. Afonso IV, D. Pedro e D. Fernando, a questão de Castela era bem presente, marcada por casamentos e guerras, conflitos emergiam constantemente e o medo da perda da independência de Portugal era comum no reino<sup>15</sup>. Afonso IV temia que futuramente os Castro destituíssem seu neto legítimo, Fernando I, para substituí-lo por um dos filhos bastardos de Inês de Castro com D. Pedro. Seus conselheiros Pedro Coelho e Diogo Lopes Pacheco conseguem um decreto do rei para executar o assassinato<sup>16</sup>, assim Inês de Castro foi morta. D. Pedro em resposta decide iniciar uma revolta contra seu pai e inicia uma vingança contra aqueles que assassinaram Inês. Alguns anos depois, torna-se o novo rei de Portugal.<sup>17</sup>

Após a morte de Inês segue-se, poucos anos depois, a morte de Afonso IV e a ascensão de D. Pedro ao trono e a sua ordem para construir os túmulos. Todo esse acontecimento ao longo do tempo recebeu a alcunha de Tragédia Inesiana. A união entre Inês de Castro e D. Pedro representa uma história de amor como também de tragédia para Portugal. A história dos dois, como casal, está entre uma das mais ilustres no tocante à história cultural portuguesa e significa, em certo sentido, um exemplo representativo do imaginário luso-castelhano à época.

Tendo em vista que esse acontecimento tem um presente valor na cultura portuguesa até os dias de hoje, é importante salientar que grande parte do que se conhece da Tragédia Inesiana está relacionada a essa fonte. Com efeito, da forma como é visto esse acontecimento histórico se assemelha ao que Nely Passanha define como um produto histórico, que articula uma experiência viva da comunidade independente do tempo cronológico<sup>18</sup> e Emil Staiger<sup>19</sup>, que define esse tipo de obra como um aspecto de uma

---

<sup>15</sup> SALES, Mariana. Vínculos políticos luso-castelhanos no século XIV. in Ana Paula Torres Megiani, Jorge Pereira de Sampaio (Org.) Inês de Castro. A época e memória. São Paulo: Alameda, 2008 p. 13

<sup>16</sup> Segundo Maria Emília, os conselheiros Álvaro Gonçalves, Pedro Coelho e Diogo Lopes Pacheco planejaram a sentença do rei para o assassinato de Inês seguindo a razão de Estado, razão esta que significa “*o bem-estar do reino devia pairar sobre o bem-estar individual*”. D. Pedro se revoltando com a morte de Ines de Castro, teria sido resultado do descontentamento dessa Razão de Estado. TOLEDO DE MIRANDA, Maria Emília. Razão de Estado x Razão de Amor na tragédia Castro de Antônio Ferreira. Ibid., loc. cit. p. 120

<sup>17</sup> LOPES 1965. ob. cit p. 125-127

<sup>18</sup> PASSANHA, Nely. Características Básicas da Epopeia Clássica in Myrna Bier Appel, Míriam Barcellos Goettems (Org) As Formas do épico Da epopeia sânscrita à telenovela. Porto Alegre: Editora Movimento, 1992. p.34

<sup>19</sup> STAIGER, Emil em Conceitos fundamentais da Poética. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

determinada cultura que vale a pena a ser lembrado. A Tragédia Inesiana seria, então, uma história usada comumente para exaltação da cultura portuguesa, com ares de um acontecimento épico. Como notado por Nely Passanha<sup>20</sup>, a presença da Tragédia Inesiana nos cantos de *Os Lusíadas* de Luís de Camões demonstra que há presença mítica nesse acontecimento histórico seja também pelo resgate de ideias do imaginário popular na Crônica de D. Pedro, no tocante a personalidade do mesmo.

---

<sup>20</sup> PASSANHA, 1992. op cit., loc. cit.

**Figura 3. Túmulo de D. Pedro**



Património Cultural / DGPC do Mosteiro de Alcobaça/POR – Foto/Thiago Borges

**Figura 4. Cena do Juízo Final no Túmulo de Inês de Castro**



Património Cultural / DGPC do Mosteiro de Alcobaça/POR – Foto/Thiago Borges

## 2. Tumularia Medieval Portuguesa do Século XIV

É através da observação das imagens contidas nos túmulos que se pode distinguir a qual estrato da sociedade o indivíduo pertence, ou seja, a memória individual<sup>21</sup>. Da Silva, através dessa observação, faz uma possível distinção entre os túmulos de indivíduos masculinos, naquilo que se pode compreender como modelos: Entre esses estão os membros do clero (bispos e abades) e os leigos (reis e cavaleiros). A afirmação desses modelos está, essencialmente, nos objetos em comum entalhados em seus respectivos túmulos. No túmulo dos leigos, há a presença da espada e de esporas. No túmulo dos membros do clero, percebe-se a presença das vestes pontificais, da mitra e do báculo<sup>22</sup>. Para os túmulos dos reis, há o objeto determinante, a coroa. Como bem define Da Silva, esses objetos são determinantes para representar a dada significação que os túmulos portugueses tinham no século XIV.

Assim entendida, a figuração dos jacentes é realizada não através de um retrato (no sentido moderno do termo) mais ou menos conseguido, mas por meio de uma imagem que procura fornecer a idealização que cada uma dessas personagens entende ser, perante aos olhos da sociedade, a mais adequada de si própria e ao grupo em que pertence<sup>23</sup>

Nas representações tumulares femininas, já não é possível definir esse modelo iconográfico segundo o autor, pois os túmulos apresentam características bem específicas e diferentes entre si, sendo provável resultado de uma multiplicidade de atividades desenvolvidas pelas mulheres do medievo português do século XIV. No tocante às práticas de poder, a figura feminina seria das mais diversas, segundo Sooraya Karan, “*Em meio aos conflitos entre os poderes, as mulheres desempenhavam ativo papel estreitando as relações entre a nobreza laica e a eclesiástica*”<sup>24</sup>. Talvez é possível conjecturar que sejam essas razões para a diferença iconográfica nos túmulos femininos, levando em conta as categorias de *status* e imagem individual, já definidas anteriormente.

---

<sup>21</sup> DA SILVA 2005, ob. cit. p 52

<sup>22</sup> Ibid., p 56

<sup>23</sup> Ibid., p 57

<sup>24</sup> DE MEDEIROS, Sooraya Karoan Lino. Artimanhas legais femininas: a condição social feminina no Portugal Medieval in Carlos Nogueira (org.) O Portugal Medieval: Monarquia e Sociedade. São Paulo: Alameda, 2010. p 265

Porém, é possível relacionar modelos em comum tanto dos túmulos masculinos, quanto dos femininos, por conta do elemento sacralizado dos túmulos. Nesse sentido, o sagrado é definido pela presença de anjos nos túmulos e dentre outras formas de figuras que, para Da Silva, estão entre as representações de maior beleza estética<sup>25</sup>. Sobretudo, dentro dessas definições, categoriza-se o túmulo de D. Pedro como um túmulo dos leigos, pela presença da espada e espora, como também um túmulo de um rei, pela presença da coroa.

Esse padrão já é bem notado em outros túmulos do século XIV e XIII, como o de Fernão Sanches de 1335 (fig. 6) e de Lopo Fernandes Pacheco de 1349 (fig. 5). Todos possuem elementos identificadores em comum que os distinguem como nobres ou reis, tais como o manto, a barba, a espada<sup>26</sup>. O túmulo da Inês de Castro também se caracteriza por um túmulo de uma rainha, pela presença da coroa, e ambos contêm o elemento sagrado, por conta dos anjos entalhados nos túmulos. Aqui há um acontecimento importante nas definições de análise iconográfica. A coroa prostrada no túmulo de Inês de Castro configura-se como um símbolo de afirmação do amor de D. Pedro a ela. Pois historicamente o casamento entre os dois nunca fora consumado, sendo assim pode-se imaginar que a razão de D. Pedro em ordenar uma coroa no túmulo de Inês demonstra o desejo de que a vejam como sua rainha<sup>27</sup>.

Outrossim, cabe destacar que vemos imagens de São Bento, santo padroeiro do Mosteiro de Alcobaça, representado em imagens no túmulo de D. Pedro, em uma espécie de homenagem. Possivelmente feita para conseguir uma concessão dos monges que permitiu colocar os túmulos em uma posição privilegiada dentro do Panteão Régio do mosteiro. Além disso, imagens religiosas de grande peso estão presentes tanto na rosácea quanto na cena do Calvário. Destaca-se a imagem de Inês de Castro e D. Pedro presenciando o Juízo Final, no alto das torres de Jerusalém, na presença do próprio São Bento<sup>28</sup>.

---

<sup>25</sup> DA SILVA 2005, ob. cit. p 63-70

<sup>26</sup> Ibid., p 61-62

<sup>27</sup> Ibid., p 81

<sup>28</sup> NATIVIDADE, Manuel Vieira; Ignez de Castro e Pedro o Cru: Perante a iconografia de seus túmulos. Editora Largo do Conde Barão, 1910. p 51

**Figura 5. Túmulo de Lopo Fernandes Pacheco**



Património Cultural – DGPC Sé de Lisboa/POR – Foto/José Custódio Vieira

**Figura 6. Túmulo de Fernão Sanches**



Património Cultural – DGPC Museu Arqueológico do Carmo/POR – Foto/José Custódio Vieira

Relevando o enaltecimento historiográfico português quanto aos túmulos, pode-se levar em conta que estes podem ser lidos em conjunto. E possuem um aspecto peculiar, a de uma história em imagens, que se relaciona com a Tragédia Inêsiana, que busca aproximar Inês de Castro e D. Pedro, convivendo na vida após a morte em uma perspectiva sagrada e amorosa. No que se refere a relação da imagem com o escrito, Coelho explicita bem acerca tanto das *crônicas* quanto das imagens tumulares do século XIV.

Estes memoriais escritos dos registros históricos combinam-se com os memoriais gravados na pedra. Também aí a escrita se lavra, mas associando-se aos signos e iconologia que a arquitetura, a escultura e a pintura em si mesmo encerram<sup>29</sup>

Os túmulos nesse sentido imagético podem se adequar a uma pequena história concisa de um acontecimento histórico português lida em conjunto com as escrituras. Ela é percebida particularmente em um sentido trágico e melancólico, aqui o túmulo torna-se o que Nogueira considera como um “documento-monumento”

A ira contra os algozes de Inês não leva à crueldade sem limites, mas a justiça necessária e fundadora do amor, o arrancar dos corações àqueles que lhe haviam arrancado desse mundo sua doce amada. Igualmente, ao erigir um “documento-monumento” ao seu amor, deixa para a posteridade a confirmação do tão desejado, “amor verdadeiro”, o amor “para sempre” até o fim do mundo<sup>30</sup>

Isso demonstra que esses objetos sepulcrais podem ser compreendidos como agentes finais de uma construção narrativa histórico-temporal a partir de imagens, relacionada tanto ao imaginário quanto a fontes escritas.

---

<sup>29</sup> COELHO, Maria Helena da Cruz. Memória e propaganda legitimadora do fundador da monarquia da Avis in Carlos Nogueira (org.) O Portugal Medieval: Monarquia e Sociedade. São Paulo: Alameda, 2010. p 73

<sup>30</sup> NOGUEIRA, Carlos Roberto. 2010. ob. cit. p 37

### 3. A Rosácea no Túmulo de D. Pedro

Nas imagens tumulares, é de particular atenção dos autores que se debruçaram sobre o estudo iconográfico um conjunto de escultura existente no túmulo de D. Pedro, chamado Roda da Fortuna. É uma rica e detalhada sequência de imagens que nos permitem observar parte da história vivida entre Inês de Castro e D. Pedro de forma *autobiográfica* e *sequencial*<sup>31</sup>. É daí que se assume, segundo a historiografia portuguesa, a excepcionalidade desses objetos.

A Roda da Fortuna faz parte de um mesmo conjunto escultural, conhecido como Rosácea (fig. 7), separado entre o círculo central e o círculo periférico. O termo Roda da Fortuna não foi um nome dado exclusivamente à referida imagem esculpida no túmulo de D. Pedro como afirma Carlos Ferreira de Almeida em seu trabalho *A Roda da Fortuna/Roda da Vida do túmulo de D. Pedro, em Alcobça*<sup>32</sup>. A Roda da Fortuna é um tipo de imagem, já bem comum desde a antiguidade. É com Boécio, em sua obra intitulada *De Consolatione Philosophiae*, bastante reconhecida na Idade Média, que foi responsável por difundir esse tipo de arte durante esse período<sup>33</sup>. De acordo com Ferreira de Almeida, a Roda da Fortuna se define como “*O entendimento da vida como uma roda, com as venturas e os infortúnios distribuídos pelo seu andar ou desandar, muito característico dos finais da Idade Média*”<sup>34</sup>.

Indo para a análise da Roda da Fortuna, Ferreira de Almeida destaca “*duas rodadas de figurações, tendo em cada uma delas a sua própria estrutura narrativa, embora ambas evidenciem uma significação bastante aparentada*”<sup>35</sup> e além disso define, “*o entendimento de uma Roda da Fortuna tem de ser global, porque a aparente sucessão cronológica que mostra só se resolve no entendimento do conjunto*”<sup>36</sup>. Assim como Da Silva, Ferreira de Almeida também reconhece que existe o elemento cronológico e sequencial na escultura, e em seguida, parte para a análise iconográfica da Roda da Fortuna, começando primeiro pelo que ele chama de orla central, compreendida pelos

<sup>31</sup> DA SILVA 1997. ob. cit p 271

<sup>32</sup> FERREIRA DE ALMEIDA, Carlos Alberto, *A roda da fortuna/roda da vida do túmulo de D. Pedro, em Alcobça*, Revista da Faculdade de Letras – História, II Série, Vol. VIII, Porto, 1991.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p 256

<sup>34</sup> *Idem.*

<sup>35</sup> *Ibid.*, p 259

<sup>36</sup> *Idem.*



números de I a VI, e em seguida pela orla periférica, compreendida pelos números de 1 a 12 (fig. 7).

### 3.1 Círculo Central

Na obra de Ferreira de Almeida anteriormente citada, o mesmo faz uma análise iconográfica das imagens contidas na Rosácea, começando pelo Círculo Central, que é composto de seis esculturas, cada uma representando uma cena específica da vida de D. Pedro. Como se refere a abaixo:

I- D. Pedro acaricia D. Inês que está sentada à sua esquerda, certamente porque ainda não estavam casados.

II- D. Inês senta-se à direita de D. Pedro, porque haviam casado. As mãos esquerdas uniam-se e apartavam-se sobre o peito de D. Pedro [...] simbolizando seu casamento

III – Sentados no mesmo banco, D. Pedro com espada e perna cruzada, numa atitude nobre, preparavam-se para governar [...]

IV – D. Afonso IV tem D. Inês sentada à sua esquerda e, mostrando-nos a palma da mão direita e o dedo indicador da esquerda virado a D. Inês, indica-nos que lhe comunica uma resolução incriminatória. [...]

V – D. Inês [...] repele um homem com barba que tudo sugere ser D. Afonso IV, o qual se prosta a chorar com as mãos na cabeça<sup>37</sup>

Vemos que, de acordo com essa interpretação, nota-se que as esculturas parecem estar de acordo com os acontecimentos anteriores a Tragédia Inesiana. Seguindo a ordem cronológica do ocorrido, indicam um possível descontentamento de Afonso IV com Inês de Castro o que sugere o início da tragédia. E assim continua, no que pode ser entendido como a morte de Inês de Castro:

VI – D. Inês e D. Pedro, prostrados no chão [...] tragicamente subjugado pelas garras de um animal monstruoso [...] Esta figura híbrida, de monstro e de mulher representa a Fortuna e o Infortúnio [...]<sup>38</sup>

<sup>37</sup> FERREIRA DE ALMEIDA 1991. ob. cit. p 260

<sup>38</sup> Idem

Segundo essa análise, a presença da Fortuna e do Infortúnio é uma clara influência de Boécio na realização da escultura, seja por conta de ser uma Roda da Fortuna, seja pelo fato de ter-se esculpido uma personificação da própria deusa. Nesse sentido a Roda representa um conjunto dos altos e baixos da vida, com tragédias e amores<sup>39</sup>. Algo semelhante ao que ocorre na morte de Inês de Castro, pode ter significado para D. Pedro um acontecimento infeliz.

### 3.2 Círculo Periférico

O círculo periférico possui 12 esculturas, demonstrando novamente figuras que remetem à Tragédia Inesiana. Assim como o círculo central, é possível inferir que se dispõe também de uma ordem cronológica:

- 1- D. Inês, sentada, acalenta-se e tem no regaço o seu primeiro filho que entretanto morreu. [...]
- 2- D. Inês e D. Pedro, já casados, convivem com os seus três filhos [...]
- 3- D. Inês e D. Pedro jogam o xadrez.
- 4- D. Inês e D. Pedro mostram-se em doce convívio. [...]
- 5- [...] Parece que D. Inês subjuga uma figura, talvez de mulher, que está no chão<sup>40</sup>.

As cinco primeiras esculturas remetem a um convívio pacífico entre D. Pedro e Inês de Castro, é possível indicar que trata de bons momentos da vida de D. Pedro, antes da tragédia. Após os bons momentos, segue entre as figuras 6 a 10, os acontecimentos da Tragédia Inesiana, resultando na morte de Inês de Castro

- 6- [...] D. Pedro reina. [...] Esta cena opõe-se, no fundo, a de D. Pedro no túmulo<sup>41</sup>.

---

<sup>39</sup>BOÉCIO. A consolação da filosofia – 2 ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. – (Clássicos WMF) p 47 Disponível em: <<http://cabana-on.com/Ler/wp-content/uploads/2017/09/A-Consolacao-da-Filosofia-Boecio.pdf>>. Acessado em: 25/11/2018.

<sup>40</sup> FERREIRA DE ALMEIDA 1991. ob. cit. p 261

<sup>41</sup> Idem

- 7- Ao que parece, vemos um conselheiro do reino calcando D. Inês. Levará na mão um rolo de legista.
- 8- D. Inês reage e, nobremente, despreza e calca o mesmo conselheiro de D. Afonso IV<sup>42</sup>
- 9- Figura da Justiça indica a sentença do conselho do rei: a degolação de D. Inês. [...]
- 10- Algoz, sem barba e veste curta, executou D. Inês cuja cabeça, de belo rosto, jaz no chão<sup>43</sup>.
- 11- Dois algozes matam o conselheiro Pero Coelho, de barba comprida, apunhalado pelo peito<sup>44</sup>.

Pero Coelho foi um dos conselheiros do rei Afonso IV e um dos responsáveis pelo assassinato de Inês de Castro. Tudo indica um êxito no projeto de vingança iniciado por D. Pedro por conta da morte de sua esposa<sup>45</sup>.

- 12- D. Pedro jaz no seu túmulo até ao Juízo Final [...]<sup>46</sup>.

Por fim, uma imagem da própria sepultura na Roda da Fortuna, representando o estado final de D. Pedro, para a eternidade. É de importância notar que essa cena está em paralelo com a figura 6, que representa D. Pedro em seu trono. Considero que sejam dois extremos; a sua vida como rei, e seu túmulo, que tudo indica ser a representação da morte.

---

<sup>42</sup> FERREIRA DE ALMEIDA 1991. ob. cit. p 261-262

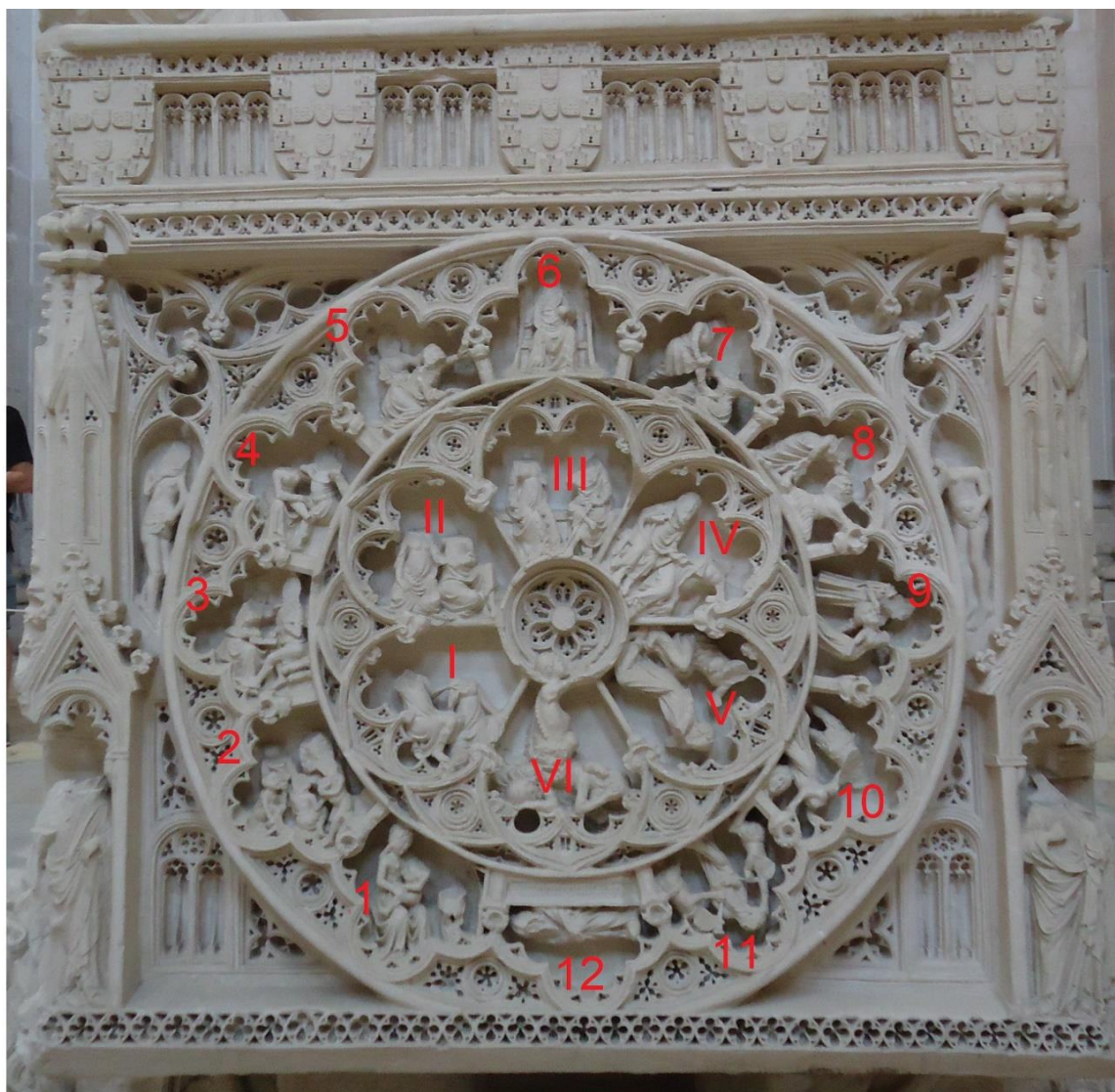
<sup>43</sup> Idem

<sup>44</sup> Idem

<sup>45</sup> A ordem do ocorrido está de acordo com o que se encontra na Crônica de D. Pedro. LOPES, Fernão 1735. ob. cit p. 125

<sup>46</sup> FERREIRA DE ALMEIDA 1991. ob. cit. p 262

**Figura 7. Roda da Fortuna no Túmulo de D. Pedro**



Património Cultural - DGPC do Mosteiro de Alcobaça/POR – Foto/Thiago Borges

## Conclusão

Tão logo é possível notar que o destaque dado a D. Pedro pela historiografia diz respeito a maior parte nos estudos centrados sobre sua relação com Inês de Castro. Essa carga é tão grande que a sua crônica, *A Crônica de D. Pedro*<sup>47</sup>, escrita por Fernão Lopes o retrata como um rei cruel e vingativo influenciado pela morte de Inês de Castro. Até a época moderna a imagem de D. Pedro ainda era exaltada e prezava pelo seu aspecto de rei justo, porém cruel, conferindo a essas crônicas um fenômeno capaz de alcançar por muitos séculos o imaginário social como também sendo influenciado por ela. Fernão Lopes já encontrou elaborada a imagem de D. Pedro como um rei justiceiro, mas não deixava de acentuar sua impulsividade. Aqui a crônica se torna importante a partir do momento em que Fernão Lopes separa o último capítulo de sua obra para a descrição dos túmulos de Inês de Castro e D. Pedro, esses objetos se tornam instrumentos para realçar os símbolos de poder régio de Portugal àquela época, através das representações esculpidas nos jacentes, tais como as vestes, a coroa e a espada. Principalmente quando utilizamos do conceito de que as representações iconográficas são um dos aparatos possíveis de se utilizar para teorizar acerca da realeza medieval portuguesa do século XIV<sup>48</sup>.

A iconografia dos túmulos se faz presente para rememorar a história dos mortos. Bem como importante instrumento para estudar o poder régio através da análise de suas imagens. Os túmulos chamam atenção quando se trata do político como também da arte, elas se entrelaçam e são bem percebidas a partir do ponto em que a dimensão autobiográfica da rosácea de D. Pedro se relaciona as fontes escritas. Bem percebida por Da Silva e Ferreira de Almeida, que foram os dois autores que tanto deram destaque aos túmulos em seus trabalhos. Pode ser cabível, nesse sentido, relacionar a história de D. Pedro se entrelaçando com as imagens contidas nos túmulos, quando observamos passagens da *Crônica de D. Pedro*. Quando bem nota Fernão Lopes (certamente após já

---

<sup>47</sup> LOPES, FERNÃO, *Crônica de D. Pedro I*. Editora do Minho, 1965.

<sup>48</sup> VENTURA GARCEZ, Margarida. “O ‘ofício de rei’ no Portugal quatrocentista: teoria e práticas de poder” in *O Portugal Medieval: Monarquia e Sociedade*/ Carlos Nogueira (org.) São Paulo: Alameda, 2010. p 126

ter observado os túmulos) “*tem uma coroa na cabeça, como se fora Rainha*”<sup>49</sup> e como Da Silva destaca sobre sua fala:

Reside aqui, afinal, a mais importante mensagem que, através desta imposição, o rei D. Pedro quis deixar para a posteridade, conhecida a teimosa insistência em declarar pública e oficialmente o seu casamento com D. Inês de Castro<sup>50</sup>

Seja através das imagens religiosas e das caracterizações régias, ou seja através da observação das trágicas imagens contadas em ambos os túmulos, compreendemos uma pequena parte de uma história concisa que nos revela parte do conflito político existente em Portugal no século XIV com Castela, que resulta na Tragédia Inêsiana, tanto quanto a vontade individual de D. Pedro dando destaque a sua imagem social, partindo para o que seja possível identificar com um alcance maior de uma consciência para o individualismo que surgia na Idade Média Tardia<sup>51</sup>. Os túmulos hoje levantam todas essas questões, unindo de forma material o passado e presente.

---

<sup>49</sup> DA SILVA 2005, ob. cit. p 81

<sup>50</sup> Idem

<sup>51</sup> DA SILVA 2005, ob. cit. p 49

## Fontes Primárias

BOÉCIO. *A consolação da filosofia* – 2 ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. – (Clássicos WMF) p 47 Disponível em: <<http://cabana-on.com/Ler/wp-content/uploads/2017/09/A-Consolacao-da-Filosofia-Boecio.pdf>>.

LOPES, FERNÃO, Crónica de D. Pedro I. Editora do Minho, 1965..

Túmulo de D. Pedro. Panteão Régio do Mosteiro de Alcobaça. Portugal

Túmulo de Fernão Sanches. Igreja de Santa Maria Maior. Portugal

Túmulo de Inês de Castro. Panteão Régio do Mosteiro de Alcobaça. Portugal

Túmulo de Lopo Fernandes Pacheco. Museu Arqueológico do Carmo. Portugal

## Bibliografia

COELHO, Maria Helena da Cruz. *Memória e propaganda legitimadora do fundador da monarquia da Avis* in Carlos Nogueira (org.) *O Portugal Medieval: Monarquia e Sociedade*. São Paulo: Alameda, 2010.

DA SILVA, José Custódio Vieira, *Os Túmulos de D. Pedro e de D. Inês, em Alcobaça*, in. separata *Portugália*, Nova Série, Vol. XVII-XVIII, Instituto de Arqueologia, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 1996/1997.

DA SILVA, José Custódio Vieira. *Reflexões sobre Escultura Tumular Portuguesa (Séculos XII E XIV)* N.º 1. Lisboa: Instituto de História da Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2005. Disponível em: < [https://run.unl.pt/bitstream/10362/12429/1/ART\\_2\\_Cust%C3%B3dio\\_RHA1.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/12429/1/ART_2_Cust%C3%B3dio_RHA1.pdf)>. Acessado em: 25/11/2018.

DE MEDEIROS, Sooraya Karoan Lino. *Artimanhas legais femininas: a condição social feminina no Portugal Medieval* in Carlos Nogueira (org.) *O Portugal Medieval: Monarquia e Sociedade*. São Paulo: Alameda, 2010.

DE MIRANDA, Maria Emília Toledo. *Razão de Estado x Razão de Amor na tragédia Castro de Antônio Ferreira*. in Ana Paula Torres Megiani, Jorge Pereira de Sampaio (Org.) *Inês de Castro. A época e memória*. São Paulo: Alameda, 2008.

DE ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira. *A roda da fortuna/roda da vida do túmulo de D. Pedro, em Alcobaça*; *Revista da Faculdade de Letras – História*, II Série, Vol. VIII, Porto, 1991. Disponível em: < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2264.pdf> >. Acessado em: 25/11/2018.

GARCEZ, Margarida Ventura. “*O ‘ofício de rei’ no Portugal quatrocentista: teoria e práticas de poder*” in *O Portugal Medieval: Monarquia e Sociedade/ Carlos Nogueira (org.) São Paulo: Alameda, 2010.*

LIMA, Luís Filipe Silvério. “*Amor, saudade e crueza: Pedro e Inês na historiografia seiscentista*” in Ana Paula Torres Megiani, Jorge Pereira de Sampaio (Org.) *Inês de Castro. A época e memória*. São Paulo: Alameda, 2008.



NATIVIDADE, Manuel Vieira; *Ignez de Castro e Pedro o Cru: Perante a iconografia de seus túmulos*. Editora Largo do Conde Barão, 1910.

NOGUEIRA, Carlos Roberto. *A “loucura” de Pedro I, entre o folclore e a política real* in Carlos Nogueira (org.) *O Portugal Medieval: Monarquia e Sociedade*. São Paulo: Alameda, 2010.

PASSANHA, Nely. *Características Básicas da Epopéia Clássica* in Myrna Bier Appel, Míriam Barcellos Goettems (Org) *As Formas do épico Da epopéia sânscrita à telenovela*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1992.

SALES, Mariana. *Vínculos políticos luso-castelhanos no século XIV*. in Ana Paula Torres Megiani, Jorge Pereira de Sampaio (Org.) *Inês de Castro. A época e memória*. São Paulo: Alameda, 2008.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da Poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.